

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ” ESALQ-USP
LES0237 - SOCIEDADE, CULTURA E NATUREZA
T4: A REALIDADE DA CULTURA

Grupo: Bruno Toschi, Lucas Gomes, Rafaela
Lopes da Silva Genaro, Raphaela Marin Martins, Suzana Campos, Vanda Vitoria Barbosa Freitas

Sobre o Autor

João Francisco Regis de Moraes nasceu na cidade mineira de Passa-Quatro, em 1940. Licenciado em Filosofia e Ciências Sociais, mestre em Filosofia Social, doutor em Educação, defendeu tese de Livre Docência em Filosofia e História da Educação. É professor titular aposentado da Unicamp. É autor de diversos livros publicados nas áreas de Filosofia, Sociologia e Literatura, com destaque para a literatura religiosa que tem sido uma das suas vertentes de criação.

A Realidade da Cultura

As regras de convivência que orientam os indivíduos nas sociedades humanas, fornecendo informações e soluções prontas para a ação, é parte da cultura, tal como explica o antropólogo C. Kluckhohn: [cultura] “é a nossa herança social, em contraste com a nossa herança orgânica”. A cultura permite aos seres humanos viver em determinada sociedade auxiliando a lidar com problemas em sua comunidade.

A cultura também permite que outras pessoas saibam o que devem esperar dos outros. Porém, essa “herança” não é estática, pois um indivíduo recebe esta herança e, em razão de sua inteligência e criatividade, pode transformá-la, inovando a partir do que recebeu.

Portanto, a herança cultural se transforma profundamente a cada geração, o que não ocorre com a herança biológica, cujas mudanças se situam em escala de tempo muito mais longa (e não se transforma no nível individual). A herança cultural pode ser vista como resiliente e flexível.

A vida cultural é a relação dialética entre o indivíduo com certa margem de liberdade e o condicionamento associado à sua herança cultural. Por outro lado, a ação do indivíduo pode ser explicada como o resultado das propriedades do contexto (a realidade material e relacional de cada situação vivida) e as disposições incorporadas em seus processos de socialização.

Toda inovação individual possui certo valor específico, mas a cultura tende a apagar marcas individuais. Numa perspectiva dialética, a cultura é a síntese de múltiplas ações e pensamentos, é uma integração de particulares de maneira a construir uma totalidade.

A dificuldade de reflexão sobre a cultura se explica por nossa profunda imersão em nosso meio social. A cultura se torna assim uma “segunda natureza”, como algo natural. O fenômeno cultural se torna mais evidente quando o indivíduo é exposto a realidades contrastantes.

O conceito mais sofisticado, complexo e preciso de cultura foi concebido apenas no século XIX, porém diversas outras variações desta concepção podem ser identificadas ao longo da história. Na Idade Média, cultura dizia respeito aos privilégios das classes ligadas aos estudos, representadas, sobretudo, por monges e universitários. Durante o Renascimento, cultura aponta para o conhecimento passado (clássico) e para a preocupação com a boa escrita, fala e maneiras. A partir do século XIX, com a ascensão do evolucionismo e do positivismo enquanto

paradigmas científicos e com o progresso da técnica e da ciência, surge a noção de países com cultura e países sem cultura. Neste período inicia-se também o debate em torno de cultura e civilização.

Apenas no final do século XIX, com o surgimento da etnologia, a cultura passa a ser compreendida sob um ponto de vista antropológico: “a forma própria de um povo viver.” Com efeito, todo povo tem a sua cultura. Aqui, pode ser mencionado o conceito científico de cultura proposto por Edward B. Tylor: “cultura ou civilização, tomado em seu sentido etnográfico lato, é aquele todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes, assim como todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Oportuno destacar aqui a conceituação sintética de Herskovits: “cultura é a parte do ambiente feita pelo homem”.

O estudo da cultura foi proposto já em 1789, quando Kant advertia sobre a urgência de uma ciência destinada ao estudo do homem. No século seguinte, o filósofo concebe um ramo antropológico dedicado ao estudo da natureza do homem, nomeando-o “fisiológico”, e também um outro ramo focado no que “o homem faz de si mesmo”, chamando-o de “pragmático”. A evolução desta área culminou na antropologia cultural.

O advento da cultura emerge de necessidades fundamentais dos seres humanos. Ao contrário dos outros animais, como as abelhas, que possuem em sua biologia o aparato genético para o desenvolvimento de sua vida social, o ser humano desenvolve suas virtualidades em dependência de grande aprendizado junto ao seu grupo de pertencimento. Então, o homem é capaz de transformar profundamente seu meio natural, graças a sua grande inteligência e criatividade. Cabe ressaltar que Regis de Moraes desenvolve uma interpretação muito próxima de Norbert Elias, quando considera a capacidade humana de aprender como o que é próprio da natureza humana. Neste sentido, a criação da cultura é uma necessidade para o alcance do que o autor designa como o plenamente humano, que consiste, sem pormenorizar, na realização da essência humana.

O homem nasce homem, entretanto, sua humanidade se concretiza na medida em que há a conquista simultânea da construção da linguagem e da cultura. Por esta razão, considera-se a cultura como meio para atingir, graças ao desenvolvimento da criatividade e inteligência, a plenitude humana.

O autor conclui que a cultura é uma complexa rede de signos densos de significados e sentidos. Estes últimos mudam ao longo do tempo, o que leva o autor a propor a existência de uma efemeridade própria do tecido cultural, em razão de constantes rupturas e transformações. Em suma, a cultura é criada primeiramente pelas necessidades humanas. Contudo, os indivíduos descobrem em seguida a possibilidade de vislumbrar novos horizontes, o que ultrapassa as fronteiras de suas próprias necessidades.

Referências Bibliográficas

- ELIAS, Norbert (1995), *O processo civilizador*. Uma história dos costumes, volume 1, Original de 1939. São Paulo: Jorge Zahar.
- MORAIS, Regis (1992), *Estudos de filosofia da cultura*, São Paulo: Edições Loyola.